

Fazer mais e melhor

Ana Figueiredo¹ 

¹ Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Fazer mais não é só tratar, fazer melhor não é só diagnosticar precocemente, fazer mais e melhor é tudo isto e ainda prevenir. E aqui falhamos.

O cancro do pulmão continua a ser um enorme desafio de saúde pública, sendo responsável por um número significativo de mortes relacionadas com o cancro em todo o mundo. O peso económico desta doença é imenso, abrangendo custos de saúde, perda de produtividade e uma pressão financeira enorme sobre os indivíduos afetados e as suas famílias.

Nas últimas décadas assistimos a uma explosão de novas classes de medicamentos, como as terapêuticas dirigidas a alvos moleculares e a imunoterapia que, quer em monoterapia, quer em associação, revolucionaram o tratamento, aumentaram a sobrevivência e melhoraram a qualidade de vida de doentes com neoplasias do pulmão não radicalmente tratáveis.

Mais recentemente a possibilidade de utilização destas terapêuticas em estádios mais precoces veio abrir uma nova porta e reforçar a importância do rastreio, permitindo cada vez mais pensar em “cura” desta doença quando diagnosticada precocemente. E embora a implementação de um programa de rastreio do cancro do pulmão seja um enorme desafio, quer em termos de recursos e organização, quer em termos de adesão e acessibilidade, entre outros, é um desafio que temos que vencer, e depressa!

Um dos critérios sempre presentes e não discutíveis na escolha da população a rastrear é um histórico de tabagismo, porque sabemos que o tabagismo é inequivocamente a principal causa de cancro do pulmão. E se temos que disponibilizar aos fumadores motivados para parar de fumar consultas de cessação tabágica, temos ainda mais que proteger os não fumadores do fumo de tabaco ambiental e prevenir o início do tabagismo nos mais jovens. Do ponto de vista da saúde individual, a prevenção do tabagismo capacita os indivíduos a fazerem escolhas de estilo de vida que podem reduzir significativamente o risco de desenvolver não só cancro do pulmão, mas também outras doenças reconhecidamente associadas ao consumo de tabaco.

“O progresso no controlo do tabaco só é possível através da acção concertada da sociedade civil, governos, e decisores políticos” (Margareth Chan, Directora Geral da OMS - 1994-2003).

Ao visar o consumo de tabaco através da educação, legislação e apoio à cessação, as sociedades podem abordar a causa mais profunda da doença e criar um impacto sustentável na saúde pública.

É lamentável que Portugal se mantenha na cauda da Europa quanto à implementação (obrigatória) da Convenção-Quadro de Controlo do tabaco (CQCT) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Foi com entusiasmo que assistimos finalmente a uma tomada de posição do Governo, em particular da Exma. Senhora Secretária de Estado da Promoção da Saúde, com um pacote de medidas robustas, apresentado em comunicado de imprensa a 10 de Maio de 2023, mas mais uma vez houve um retrocesso, com a oposição e crítica sistemática feita pelos grupos parlamentares da AR às medidas propostas. De todas as medidas propostas, só se manteve a equiparação do cigarro electrónico, por obrigação europeia.

Lamentável, para não dizer mais...

ORCID

Ana Figueiredo  [0000-0002-7949-8440](https://orcid.org/0000-0002-7949-8440)